Guimarães, 18 de Maio de 1913

1.º ano—N.º 49

Director: António Dantas, filho

Editor: Manuel Guimarães

Toda a correspondência relativa à redacção deve ser enviada para a sua sede: Rua Dr. Avelino Germano, 62—e a relativa à administração, para a Rua de Paio Galvão, 70.

Composto e impresso na Tip. Minerva Vimaranense
Rua de Paio Galvão

O LUSITANO

Publicação semanal

Propriedade da Emprêsa de O LUSITANO

O Lusitano é o periódico vimaranense de maior tiragem e circulação nêste concelho.

A liberdade de consciência

Toda a religião positiva tem o seu culto, os seus ritos, as suas manifestações externas. Pelo que, sendo reconhecida por lei, como é entre nós, a liberdade de consciência, a cada qual deve ser lícito professar e praticar a sua religião no seu todo, como ela é e como tem sido entendida pelos que a seguem.

Proclamando-se o Estado alheio e indiferente a qualquer confissão religiosa, não pode lícitamente immiscuir-se na regulamentação ou organização do culto. Pelo facto de se declarar neutro ou arreligioso, tornou-se radicalmente incompetente para interferir em assuntos religiosos. Para êle as religiões são como se não fôssem; êle ignora-as.

Eis aqui a boa doutrina que o simples bom senso e o mais elementar raciocínio reconhecem.

E por aqui se veem os grandes abusos que em Portugal se teem cometido em desprêzo e ofensa da religião Católica. Não lhe querem reconhecer o direito de continuar a ser o que sempre tem sido. O Estado, por um direito arbitrário e contraditório com a sua qualidade de neutro, meteu-se a regular o seu exercício. Inventou os moldes impossíveis das associações cultuais que são formalmente incompatíveis com a constituição fundamental da Igreja, e pretende confinar todos os actos do culto no recinto dos templos. Ora isto é um abuso que deve acabar.

Se a liberdade de consciência, que as leis prometem garantir, não é uma ilusiva ficção ou uma burla indecorosa, à religião católica deve ser permitido manifestar-se segundo a sua organização essencial.

¿Que se importa o Estado que haja Papa, Bispos, párocos e fieis numa inteira subordinação, num mútuo entendimento como membros duma mesma sociedade?

¿Em que podem ser nisso lesados os seus direitos?

Não consente o Estado que a Igreja se entremeta na administração pública, mas com uma impertinência altamente censurável não se envergonha de intervir na gestão dos negócios eclesiásticos.

¿Onde está a neutralidade religiosa e sobretudo a lialdade da separação?

Não se permite que a Igreja faça algumas das suas manifestações na rua sob o especioso pretexto duma possível alteração da ordem pública. No entanto se aí se fizer pelas ruas um cortejo carnavalesco ou cívico, embora não tenha nenhuma alta significação moral ou patriótica, os agentes da autoridade aprontam-se logo a dar-lhe todas as facilidades para que êle corra sem incidente desagradável.

O modo como a Igreja é tratada em Portugal, é intolerável.

Se faz festas com grande pompa e concorrência numerosa, acusam-na de fazer paradas reaccionárias; se põe uma procissão na rua na milhor ordem e com as intenções mais pacíficas, clamam logo, que isso é uma provocação.

Se os católicos se reunem nalguma associação para se instruirem, para se recrearem honestamente, para se animarem na defesa da sua doutrina, denunciam-nos como instrumentos de manejos jesuíticos.

Se os seus jornais, no uso dum direito incontestável, discutem e criticam com algum calor ou vivacidade as más leis, as autoridades desmoralizadas. os políticos corruptos, as doutrinas perigosas, não falta quem lhes lance a pecha de retrógrados ou de assalariados dos jesuitas.

¿Como é que os católicos se hão de manifestar, sem que se suspeite mal das suas intenções? A êles, como a quaisquer outros, cabe o direito de gozarem da liberdade de consciência. E esta liberdade, como é claro, refere-se principalmente a actos externos, a manifestações públicas, a expansões mais ou menos aparatosas do sentimento religioso.

Para eu ser católico únicamente no santuário da minha consciência, não preciso que nenhuma lei me reconheça êsse direito.

A garantia legal tem valor e é realmente garantia, se cobrir os meus actos externos do culto das turbações, constrangimentos ou afrontas que o sectarismo odiento ou a impiedade intolerante tentar fazer-lhes. Desde que o novo regimen se implantou para ventura de Portugal, os católicos teem sido uns desventurados; só para êles é que não há liberdade, são tratados com mais desprêzo do que os estranjeiros; sôbre êles arremessam suspeitas e calúnias sem a menor consideração. Pois já era tempo de acabar êste injusto e excepcional tratamento.

P. A.

Abaixo a griseta

O caso do Internato Municipal. — Uma sindicância a pedir sindicância e um sindicante que está sendo sindicado. — Coisas e loisas.

Não se admirem os leitores se lhe dissermos que fomos depor na sindicância, a que o impagável Justininho está procedendo, acêrca do caso das grisetas ocorrido na noite de 20 de Abril no Internato Municipal.

Fomos, sim senhores, e não podiamos deixar de ir, visto que um mantenedor da ordem, um arguto oficial de diligências da administração dêste concelho, nos apresentou um mandado em regra assinado pelo administrador, intimando-nos a comparecer no dia 13 do corrente, pelas 11 horas da manhã, no edificio do Internato a fim de sermos ouvidos em uma sindicância a que se procedia.

Claro que nos repugnou o cumprimento do mandado porque, como já dissemos, não reconhemos no sindicante autoridade, nem moral nem profissional, para proceder a tal serviço.

Profissional, porque, além de outras razões, há mais a de que o sr. Justino apenas tem competência para sindicar sôbre alunos do 1.º ano do liceu e no Internato há alunos que freqùentam outros anos.

Moral, porque o sr. Justino, tendo ainda sôbre si uma intrincada sindicância, não pode sindicar os outros enquanto ela não for resolvida, ou a lógica é uma batata e a moralidade uma castanha que rebenta na boca de quem tem a ingenuidade de acreditar nela, e também porque o sr. Justino pertence à panela, à grei, ao partido do presidente da comissão da Câmara que ordenou a sindicância e portanto não pode proceder a ela com a isenção e com a independência com que outro indivíduo qualquer, alheio às mesquinhas pugnas partidárias, procederia.

Se lá não nos tivessem chamado nós ficaríamos desconhecendo o valor de tal diligência e, assim, como o administrador houve por bem aceder aos desejos do sindicante, intimando-nos para irmos lá depor, tivemos ocasião de observar de perto o que é aquela baboseira da comissão ou do presidente da comissão da Câmara, a que deram o nome de sindicância, servida magistralmente pelo maestro Justininho que, em questões de solfa democrático-demagógico-partidário-pessoal, é mesmo um alho daqueles mais avantajados.

Mas aquilo não é uma sindicância!

Aquilo é uma pepineira das muitas que a comissão, ou o presidente da comissão da câmara, nos tem impingido.

Pelo menos foi o que nós depreendemos dos factos que connosco se passaram.

Se aquilo fôsse uma sindicância a sério!...

Mas não, senhores; aquilo não é a sério, aquilo,pelo que connosco se passou, é uma sindicância de rapazinhos de escola, muito engraçada, muito patusca mesmo.

Querem saber para que o impagável Justininho reclamou do administrador a nossa presença?

Foi para lhe explicarmos o caso aqui publicado de ter andado um tinteiro em evoluções aéreas pelo Internato no momento em que o pindárico presidente da comissão da câmara lá entrou, do que resultou êste ter de limpar uns salpicosinhos de tinta que lhe caíram na roupa.

Só para isto!

E é para uma ninharia destas que se incomoda um cidadão e que se obriga a ir ao Internato depor numa sindicância!

Ora bolas!

Para isso era escusado lá irmos.

Toda a gente sabe, porque isso logo constou cá fóra, que na ocasião em que o presidente da comissão da Câmara entrava no Internato, no momento preciso em que ele ia a transpor uma porta, bateu próximo um tinteiro que havia sido atirado naquela direcção.

Brincadeira de rapazes?

Será, como dizem, e o Justininho nos pretendeu convencer; mas, neste caso, sempre queríamos que nos dissesem, não o Justininho que, com a sua *ingenuidade*, é capaz de *acreditar* que viu um gato com asas, mas qualquer pessoa de são raciocínio, se é crível que os estudantes, por mera brincadeira uns com os outros, se entregassem ao *sport* de jogar tinteiros como quem joga bolas de papel.

A ser verdade o caso deve ter precedentes e então nós perguntamos quantos teem sido jogados pelas paredes do Internato.

O fornecedor do Internato deve fazer com êle um bom negócio em tinteiros e o público, por êste novo e interessante divertimento, deve ficar edificado acêrca da disciplina ali mantida pelo pessoal, com José Rocha e tudo!...

Mas nós não queremos acusar.

Apenas queremos deixar bem patente, visto que fomos nós quem mais desenvolvidamente trouxe a questão para público e também porque, para gáudio do *Trapo* das quintas-feiras, fomos intimados a depor, que a sindicância não visa o fim que devia visar, que ela não é mais do que uma mascarada carnavalesca e que para isso era escusado andarem a incomodar tanta gente.

E' claro que nós falamos sòmente segundo o que connosco se passou, pois não sabemos o que aconteceu com as outras pessoas que lá teem ido; mas a avaliar por nós, aquilo deve ter sido uma reinação.

O *Trapo* veio muito lampeiro lembrar que nós deviamos ser chamados para dizermos, se bem nos recorda, sôbre as velas partidas e santos degolados, e nós, para satisfação da *Trapo* e de toda a selecta e conspícua comunidade, afirmamos, da forma mais solene e categórica, que nem uma pergunta nos foi feita a tal respeito e nós, muito voluntáriamente, é que ao facto nos referimos.

Que houve lâmpadas apagadas e velas partidas isso garantimo-lo; que o autor da *façanha* foi José Rocha isso igualmente o garantimos e isso o dissemos na sindicância—muito voluntáriamente—porque o sindicante nem sequer pela rama tocava no caso.

A sindicância, pelo que a nós diz respeito, visava apenas a apurar-se se a tal evolução do tinteiro, no momento em que o presidente da comissão da Câmara, de quem o Justininho é vassalo obediente, constituiu ou não uma ofensa à ovante dignidade presidencial.

Já se viu sindicância mais ratona?!

Já se viu presidente mais pindárico do que o nosso impagável Mariano que manda sindicar se a sua triunfante majestade camarária foi ofendida com as evoluções aérias do tinteiro?!

Isto só na nossa terra!

Isto só duma cabeça ôca como é a cabeça presidencial!

Ainda assim nós, apesar de o Justininho não querer saber mais nada, sempre lhe fomos dizendo, muito por alto, alguma coisa do que se passou na noite de 20 de Abril e de tal sorte nos houvemos que conseguimos arrancar do Justininho uma verdade, que lhe custou um dente dos maiores que êle tem—que a lei da Separação da Igreja do Estado ofende a crença dos católicos.

Pois se ofende, impagável Justininho, está a sindicância finda porque, ofensa por ofensa, se é contente, os rapazes tiveram muita razão em deitar as grisetas abaixo, visto que êles, na sua maior parte ou talvez na sua totalidade, são filhos de católicos e as grisetas, comemorando a lei, ofendiam as crenças de seus pais e portanto as suas.

E quanto ao titi-Mariano recomende-lhe que para outra vez tenha mais juizinho e que se deixe de brincar com coisas sérias que lhe deviam merecer o maior respeito.

E deixe-se de mais aparatos.

Não consuma mais ninguêm porque isso, afinal, não é sindicância nem coisa que com ela se pareça.

Para que aquilo pudesse ser uma sindicância precisaria ela de demonstrar quem é, de facto, e o que faz o director do Internato.

Se nos não enganamos o director do Internato Municipal de Guimarães é o sr. Eduardo de Almeida Júnior, bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, com o ordenado de 400$000 réis anuais, e deputado ao Congresso, nomiado pelo directório do partido republicano com a rúbrica de—Guimarães—, com outro ordenado de 100$000 réis mensais.

Oh! senhores! Pois pode admitir-se que se nomeie para sindicar sôbre factos ocorridos em um estabelecimento de educação, que tem por director um bacharel em direito, um simples sub-inspector de instrução primária, que poderá ter, quando muito pela fôrça da lei, o quinto ano dos liceus, quando êsse director, êsse bacharel, deve ser o primeiro a ser ouvido?!

Isto só da nossa gente!

Isto só do nosso Mariano!

Isto só do nosso Justininho!

No caso das grisetas há um nome envolvido, não porque o bondoso cavalheiro que o usa o envolvesse, mas porque cobardemente e canalhamente lho envolveram.

Nós temos por êsse homem uma grande veneração, um profundo respeito e uma particular simpatia, porisso não pronunciaremos o seu nome que nos é intimamente venerável.

Esse homem já cumpriu o seu dever.

E, se a lógica não é uma batata, se a dignidade não é uma palavra vã, se a honra não existe sómente no dicionário e se o pundonor e o brio não são meras fantasias, vamos ter a satisfação de ver o sr. Eduardo de Almeida Júnior, bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra e deputado ao Congresso, pedir a sua exoneração, pura e simples, de director do Internato Municipal de Guimarães, como desafronta do inqualificável agravo que a comissão da Câmara lhe fêz nomiando, para proceder a uma sindicância naquele estabelecimento, um simples sub-inspector de instrução primária.

E não é só êsse o agravo para quem tenha olhos de ver.

Outro há, muito maior, que envolve uma questão de confiança em que não queremos tocar e em que a imprensa afecta a suas senhorias nem sequer de leve bordejou.

Deixemos as coisas de consciência e de dignidade entre êles e importemo-nos sómente com a moralidade do caso.

E' o que há de mais pífio, de mais charro, de mais repugnante.

E' uma sindicância que precisa de ser imediatamente sindicada para que completa luz se faça sôbre os mistérios que envolvem nesta hora o Internato Municipal.

E' necessário pôr a descoberto a vileza que ali anda encapotada.

Nós conhecemos, um por um, todos os meandros dêsse nojento trama e pelo que connosco se passou estamos autorizados a afirmar que a sindicância não pretende encaminhar-se para o seu esclarecimento.

Nós estamos completamente senhores de tudo quanto ali se passou, mas ainda não é chegada a hora de falarmos.

Havemos de falar, havemos de mostrar à imprensa que verga a cerviz ao sabor de quem a tange que esta folha—de couve, se quiserem—só fala quando tem razão para o fazer e quando é preciso saneamento moral em qualquer parte. Mas só o faremos quando o julgarmos oportuno.

Por agora ficamos aguardando a liberal distribuição de carapuças, gentilmente oferecida pela prefeitura do Internato, afim de lhe retribuirmos, de uma maneira bem eloquente e bem causticante, a que porventura se lembrem de nos dirigir.

Até lá frisemos bem estes pontos.

A lei da separação é ofensiva dos sentimentos do povo católico, isto o declarou o sindicante, e portanto a colocação das grisetas no frontal do edificio constituiu ofensa aos sentimentos da maior parte dos estudantes.

Logo o acto dêstes foi perfeitamente legítimo, o seu desforço foi absolutamente lógico.

José Rocha foi à capela, derrubou velas, apagou lâmpadas e não sabemos que mais.

Há pelo Internato mistérios que é preciso desvendar.

...e o resto virá a seu tempo.

BEIJOS DE JUMENTUDE

Tristesas e... música!

(Capítulo VII)

—

Gritaria da *criada* do *nosso frei António Lopes* contra o «*Jornalismo... de rapazes*...

«A divertida gaseta dominical que tem secções tratadas com um espírito muitíssimo pitoresco,—bem de certo mantidas no propósito de derrancar o gôsto aos seus *leitores da grande circulação*—(sic) lembrou-se de fazer raspão das lições cívicas ministradas por dedicação patriótica por um oficial do exército ultramarino.

«E a gente ao ver: dum lado um militar que, não obstante estar reformado, se prontifica, gostosamente e sem remuneração alguma a prestar um bom serviço ao seu país; do outro lado uma gaseta que se não peja de dizer babuzeiras dêsse mesmo acto,» etc., etc....

E, levando o lencinho aos olhos, como a impedir um chôro convulsivo, a *secia cachopa* termina: —«ao vermos isto, perguntamos a nós próprios até onde irá a petulância soez e malcriada dêste jornalismo... de rapazes!»

—A *petulância soez e malcriada* dêste jornalismo... de rapazes, vai pedir à *Associação das criadas finas* que forneça uma gramática *umbelificamente nefelibata* para que a prendada e finíssima *Ama* do frei António nos delicie sempre com a sua *prosa jornalística à tiro-liro!*

E' que se precisa conservar *fresquinho* o gôsto dos leitores... *da grande circulação!*

Este frei António, apesar de bondoso e meigo, até parece *bernardo*, lá verdade, verdade!

*

Jornalismo... de homens...

De um artigo do *cirtercense* frei António Lopes, rabiscado a plumbagina sôbre a garupa da tremeliqueira burrinha, à volta do seu *convento* de Espairo—(Pinheiro), verberando o proceder da Justiça da nossa terra:

—«O que se passou no julgamento de terça feira faz tristeza, pois a maioria dos júris, em regra, é formada ou por quem tem os olhos fechados e não vê, ou por quem, tendo-os abertos, não quer ver!»

Esta *delicia*, serve como que de prólogo a uma *tremenda untura, nada derrancada*, que o *austero* e resignado jornalista democrático aplica aos *olhos fechados de juris que não vêem*, e aos olhos abertos de juris que não querem ver;—e tudo isto, a propósito dêsses juris não mandarem para a penitenciária o sub-chefe dos impostos sr. Narciso Escobar!

E, o nosso *fradinho jornalista*, apelando para a cordialidade que mantem com o Sr. Doutor Delegado Albuquerque Dias, oferece-lhe este *lindissimo* bouquet:

«—**Pois senhores: o sr. Sub-delegado doutor Albuquerque Dias, em vez de conduzir as testemunhas no sentido de mais elementos de acusação ou de defeza fornecerem ao tribunal para que êste, representado pelo juri, decidisse depois com imparcialidade e com milhor conhecimento de causa, ou, em caso de dúvida, por falta de tempo para compulsar o processo, se limitar ao sacramental—«faça-se justiça»,— em vez disso fazer, tomou para si todo o papel dum acusador, já atacando as testemunhas no *generoso e louvável* intuito (sic) de as ver *naufragar*, já terminando por, atabalhoadamente, sem uma palavra sôbre o processo, pedir a condenação pura e simples do autor da campanha!**»

Ora isto é que é jornalismo... de homens e cordialidade de... —Se o Sr. Sub-delegado não *escovar este pó* que o frei António, mais a *jumentinha*, levantaram na sua passagem *pelo...jornalismo* é porque entende que há *jornalistas*, cujos escritos... *já não ofendem ninguêm!*

¿Quem te mandou Antoninho tocar... na justiça?

*

Esqueceu...

ao nosso frei Antoninho Lopes contar na sua *História trágico-marítima*, que do naufrágio sucedido aos *158$840 réis* que a nau «*Irmandade de Santa Clara dos Alfaiates*» levava a bôrdo mais duas personagens escaparam: *o adiantador e o administrador*.

Podia tambêm ter informado que aquelas *158.840 majestades* eram descendentes dos celebérrimos Reis Magos; que suas *reais mercês* tinham feito *testamento marítimo* legando 158 escudos e 84 centavos para, quando o Frei António tomar a direcção suprema da *Beneficência bairrista*, distribuir pela Creche e Asilo de Santa Estefânia, sem *estrondos* nem *espantações!*

E deixe-se o *fradinho* de réclamos... mesmo aos *reizinhos* que *felizmente* estamos *escudadíssimos* pela democracia e pelo *Manual politico de Trindade Coelho*, cuja leiturinha serve de suave *lachante* ao nosso *amável* e *mavioso* Capitão!

E querendo falar de *naufrágios*, conte aos seus leitores o do Adamastor e dos, em tam pouco tempo de República, sucedidos aos demais vasos da Marinha Portuguêsa.

Chega a ser triste que a *guapa moçoila do fradinho*, tanta trêta gaste com uma pobre irmandade, com uma *léria politiqueira*, e esqueça a pouca vergonha apontada na última lista da Armada, publicada em 31 de Dezembro de 1911 (a um ano de administração republicana sempre apregoada de austeríssima), da qual lista se depreende que apenas deviam existir 270 oficiais de marinha e há *411*, não contando 77 reformados!

—Engenheiros deveria haver 7 e existem 9 e mais dois reformados;—médicos, 47 e há 54 e mais 13 reformados; maquinistas, 81 e há 120 e mais 27 reformados;—administração naval, 47 e há 65 e mais 19 reformados; auxiliares do serviço naval, 38 e há 51 e mais 27 reformados!!...

E se examinarmos a segunda tabela verifica-se que temos 2 almirantes em activo serviço e mais 28 reformados; contra-almirantes respectivamente, 4 e 15, prefazendo o total de **49** almirantes!

Há a acrescentar mais 3 contra almirantes da Escola Naval, srs. Nunes da Mata, Braz de Oliveira e Cândido Correia.

Capitães de mar e guerra há 31 e mais 17 reformados; cap. de fragata, 49 e 19 reformados; capitães-tenentes, 65 e mais 26 reformados;—1.os tenentes 220 e mais 31 reformados; 2.os tenentes 194 e mais 25 reformados;—guardas-marinhas 100 e mais 17 reformados; finalmente 40 aspirantes!!...

Tudo soma 883 oficiais, sendo 705 activos e mais 178 reformados e supondo que a marinha tenha um efectivo de 4 a 5 mil marinheiros—a percentagem é de **um** *oficial* para **cinco** *marinheiros!!*...

E supondo ainda que a tonelagem dos nossos navios é de 25:000 toneladas, temos para cada 30 toneladas—um oficial!

E ainda a *mamã Escola Naval* se não julga velha nem cançada!

E, frei António, apele ao menos para a nossa evolucionadora Esquadra Aéria e não fuja para Espairo a curtir saudades, que «são gôsto amargo de infelizes»!...

*

Canto coral...

Eh! mê cápitão!

Cá torna ó Kiponga sabê novidádi mê cápitão! Quê tal a musícáta dá Sémenteira, do Rigoleto, da Portuguesa e do God save the King?!...

Kiponga sábe um nádinha dí inglês e no tempo do *Franca*, mê cápitão tambêm sábia cantá num cantochão melódioso:—

God save our gracious King!
Long live our noble King!
God save the King!
Send him victorious,
Happy und glorious,
Long to reign over us!
God save the King!
Etc., etc., etc....

E viva o *Franca* mai-lo mano *Afonsa Costa!*

E mê cápitão, *á duo:* **A' nóssa filha quêrida ándá nó Lú-rí-á-ó... Lá-lá-rá, lá-rá-lá, lá-lá-rá...**

Guimarães, 17.

Paiolopes.

Carta

...Sr. Redactor: — A *Alvorada*, como não tem que fazer, gasta o tempo a debicar comigo. Apesar da *chômage* forçada em que o sr. Afonso Costa me lançou—eu, todavia, tenho muito em que empregar o meu tempo. E porisso vou ser rápido e terminante no esclarecimento que vou prestar a quem não anda ao par destas manhosas habilidades politiqueiras da *Alvorada*.

Eu sou uma creatura que pensa deante de todos, que pensa verdadeiramente *ao grand jour*. Quem me tem acompanhado desde os 18 anos até estes 30 em que me vou — não encontra surprezas, saltos ou soluções de continuidade. Em 1904, eu escrevia o que pensava com o cérebro dos 20 anos; em 1913, eu escrevo o que penso com o cérebro dos 30. Basta lêr com atenção os trechos que a *Alvorada* transcreve, para se notar a marcha do meu espírito, afastando-se lentamente mas inflexívelmente das aberrações negativistas da mocidade. Querer alguêm prender-me às afirmações dos 20 anos é tam estúpido como querer prender-me às infantilidades dos 10 ou aos êrros de ortografia dos 6. Eu estudo e apreendo. O estudo e a apreensão levam-me a uma permanente revisão dos meus pensamentos, donde a sua transformação.

Eu ontem supunha-me possuindo a Verdade. Hoje, vejo-me possuindo verdades, tam falíveis ou tam certas como as verdades do meu vizinho que pensa de um modo oposto ao meu. Porisso eu, ontem, dizia:—prende, persegue! —na lógica do meu absoluto metafísico, e, hoje, digo:—poupa, aproveita!—na lógica do meu relativismo positivo.

Sei que há princípios *scientificamente* falsos, mas que são *socialmente* verdadeiros. E como os homens não vivem na abstração dos gabinetes, mas em contingências da realidade, eu respeito êsses princípios, porque a vida social não pode pô-los de parte, sem profundo e irremediável prejuizo para a ordem geral.

Este *ontem* a que eu me refiro é um ontem que tem perto de dez anos; e o *hoje* tem quási cinco. Não me envergonho do que disse. Mas lamento tê-lo dito, pelo tempo que gastei para dizê-lo, e pela perturbação que porventura levei a alguns espíritos fracos ou superficiais.

Mesmo alguns trechos que a *Alvorada* cita, se não viessem truncados, davam um aspecto diferente ao facto.

Mas assim ou doutro modo, o que ninguêm—ninguêm!—tem o direito de dizer é que qualquer transformação operada no meu pensamento foi determinada por a mais pequena sombra de interêsse. Ontem e hoje os meus actos se pautaram e pautam pelos meus pensamentos; e estes são o reflexo do meu trabalho. Quem disser ou insinuar o contrário é um miserável caluniador. Chama-me a *Alvorada* político. Não sou, nem sei o que isso seja—no sentido em que a *Alvorada* emprega a palavra. Para estar onde estou, não tive que mudar a minha orientação política, religiosa ou filosófica. Antes da República, prègava uma República conservadora, moderada. E' a República que hoje prego. Há artigos meus, discursos meus dêsse tempo, de uma plena actualidade. Tenho-os aqui.

Eu tenho um defeito: é ser excessivamente senhor do meu nariz. Quem tem êsse defeito, não pode ser alvejado pelas torpezas e insinuações da *Alvorada*. Este jornal para que prestei, em tempos, o meu pobre nome, tem lá gente que conhece um pouco a minha vida, pelo menos o suficiente para saber que é preciso ter-se descido muito no conceito que de si próprio se faz, para se explorar, como a *Alvorada* está explorando, com as minhas opiniões.

E descance a gazeta e quem nela escreve tolices: nada quero e nada espero da política. Pessoalmente, só três coisas desejo: saber um pouco mais de que os meus concidadãos, deixar aos meus filhos o nome limpo que de meu pai herdei, e um pouco de pão para não caírem nas garras de futuros afonsos costas. Politicamente, só uma coisa desejo: a prosperidade do meu país. Quanto a mim—nem regedor de paróquia! Isso é para aqueles que não são, senhor Redactor, como muito gôsto tem em ser o seu muito agradecido

Alfrêdo Pimenta.

E os Retratos!..

Pedes-me as cartas e elas aí vão,
não me deixam uma única saùdade!
Acompanha-as a trança, êsse tufão
que me enredou de mais na tempestade.

Verás aí as flores da traição
que me deste ao jurar fidelidade;
Secas flores, sois flores de ilusão
que me haveis de vingar na eternidade!...

Os retratos... Foi bom não os pedires!..
Não os vês sem primeiro desmentires
essa carta que diz: *que eu não te amei!*

Ou então, p'ra que os possas receber,
tens de imediatamente aqui trazer
a caterva de beijos que lhes dei!

Romeu.

D. Manuel Baptista da Cunha

Vitimado por um insulto apopletico, e quási repentinamente, faleceu há dias em Vila do Conde, onde se achava cumprindo a pena de desterro em que o govêrno da república o condenou, o venerando prelado desta diocese senhor Dom Manuel Baptista da Cunha.

Acompanhando na sua dôr a ilustre familia do nobre extinto, igualmente acompanhamos no seu luto a diocese que acaba de perder um dos seus mais venera do Pastores.

E que a sua alma descanse na mansão celeste, já que o não deixaram morrer junto do seu rebanho, que êle tanto adorava.

LINDOS TECIDOS DE NOVIDADE para homem e senhora — na **Casa Duarte** antiga rua de Santo António 33 a 36—Guimarães.

Pede-se a visita a este estabelecimento. PREÇOS FIXOS

Em um curso de instrução preparatoria

2.ª lição

—Venho hoje muito zangado com vocês, seus garotos, porque foram lá para fora dar à taramela sôbre o que aqui se passou na última lição, e a folha, essa folha de couve e de nabiça que para aí se publica, saiu da regra que eu quero que se siga que é eu poder dizer tudo o que me apeteça e ela não poder dizer nada ainda que para isso tenha muitíssima razão.

—Eu cá *um* fui...

—Eu *támem* não...

—Foram vocês todos, seus caras de carqueja, mas também lá o meu director, isto é: o director do meu *guardanapo* espetou-lhe uma seribanda de três assobios nas *notas e factos* e até lhe chamou *gazeta... de rapazes.*

—Eu *támem* li essa caramanha do *gardanapo* de *bóssoria* e *cajo* até me *dero* ganas de *le dezer:— alimpai-vos* a este *gardanapo.*

—A mim *támem.*

—Ora os caras de estanho! Que tem eles que dizer?...

—Se V. S. me permite uma observação, sr. professor...

—Não permito coisa nenhuma. Aqui, quem fala, sou eu sómente. Já disse que nada têem que dizer porque...

—Mas sr. professor, permita-me que lhe observe...

—Não permito nada, já disse, seu cara de sacrista. Aqui falo eu e não consinto que ninguêm se atreva a interromper-me. Eu cá, sou eu, ouviu?

—Pois quer V. S. queira, quer não, hei de fazer-lhe a observação que tenho em mente, porque se V. S. é V. S. eu também sou eu, e se V. S. tem os seus direitos e os seus privilégios eu também tenho os meus de que não abdico.

A folha de nabiça ou de couve como V. S. lhe chama, de que meu pai é assinante e que eu leio com avidez todos os domingos, não foi tam má como a querem pintar e se não fôra a saliência que sempre preside aos actos do seu *guardanapo,* o caso poderia muito bem ter ficado isolado e quási desconhecido porque ali não haviam alusões pessoais mas apenas uns indícios que só aqui são conhecidos e ainda assim nem toda a gente os sabe...

—Mas com trezentos mil tiros...

—De muitas pessoas sei eu que leram aquilo e ficaram sem saber de quem se tratava...

—Mas aquela piadinha do João Franco...

—E' muito justa não só porque é verdadeira, mas também porque V. S. não perde ensejo de falar na gente dêsse jornal e ...amor com amor se paga. O seu *guardanapo* desceu à baixeza cobarde do ataque pessoal, à menção grosseiramente canalha e imprópria de pessoas que usam uma gravata, de apelidos que, muito longe de deprimirem quem os usa, honram, ao contrário, e muito, quem se orgulha de os possuir porque constituem uma herança sagrada dos seus maiores que foram honrados e que jazem hoje na paz e no esquecimento do túmulo.

—Mas êles é que...

—Não foram êles, foi o seu *guardanapo* quem primeiro cometeu essa deslealdade jornalística, como sempre tem feito em outros diversos casos, quem primeiro usou dêsse achincalhamento, e êles teem sido tam dignos e tam benevolentes que, podendo usar dos mesmos processos, não os teem posto em prática...

—Irra! você já tem falado de mais e vejo que é tam bom como êles. Não admito que na minha presença se fale naquela gente que nem sequer respeitou a dedicação patriótica com que eu, não obstante estar reformado, me prontifiquei gostosamente e sem remuneração alguma, a prestar um bom serviço ao meu país.

—Ninguêm lhe deve êsse respeito e ninguêm tem que agradecer-lhe essa dedicação...

—Irra! mas...

—Ainda não disse tudo. Dedicação patriótica é a daquele que desprezando os seus próprios interêsses, se empenha, quantas vezes com sacrifício da saude e da vida, em servir a sua pátria enquanto as suas fôrças lho permitem, não consentido que ela lhe pague senão os serviços que lhe presta, e permitindo sómente que ela lhe retribua essa dedicação e êsse patriotismo quando, depauperado de fôrças e gasto pelos anos, tenha de afastar-se do seu serviço...

—Mas eu no ultramar...

—V. S.ª no ultramar cumpriu o seu dever como soldado ao serviço do seu país, se bem que possamos adivinhar, quási com segurança, que não foi o amor da pátria que o levou a cumprir êsse dever; mas...

—Cale-se! Eu não admito que se duvide das minhas intenções patrióticas...

—Mas tenho eu o direito de duvidar, desde que essas intenções cessaram quando a oportunidade de uma reforma inoportuna lhe sorriu fagueiramente, e tenho mais o meu direito de lhe vir aqui falar nelas desde que é um *guardanapo,* em cuja cabeça leio o seu nome, que vem fazer estendal de coisas que os mais rudimentares conhecimentos aconselhariam a ocultar para que o povo não fique adquirindo a triste convicção de que nele fala a vaidade em vez da consciência.

A vaidade é leviana e balofa, a consciência é modesta e recatada.

—Mas, com mil macacos! os outros...

—Tem V. S. razão nêsse ponto. Os outros, êsses milhares de reformados que existem no país são os que concorrem poderosamente para o seu empobrecimento e para a sua ruina.

Esses não são amigos da sua pátria.

Esses são os seus maiores inimigos, que lhe sugam desvergonhadamente os cobres, quando na sua maior parte estão ainda aptos para o trabalho.

E' a reforma um dos grandes males do nosso país que faz dêle uma terra de jovens decrépitos para serviços públicos, vendo-se, no entanto, uma aluvião de reformados em lugares e serviços particulares.

Veja V. S. o engenheiro municipal. E' um general inapto para o serviço do exército e apto para o serviço camarário.

E como êste, tantos outros.

Veja êsses músicos reformados que para aí há como quási todos êles bufam e bufam bem em filarmónicas civis.

E como êstes, tantos outros.

Mas êsses, ao menos, são coerentes e não veem estampar em letra redonda, no meio da praça pública, dedicações patrióticas que nunca sentiram...

—Mas eu prestei-me de bom grado a vir para aqui dar-lhes estas lições-inhas...

—Que quer que lhe agradeçam como se fizesse um grande serviço ao país, quando afinal ninguêm lhe deve o menor agradecimento porque V. S. não faz mais do que cumprir o seu dever e o cumprimento do dever, se dá direito a louvor, não obriga, todavia, a reconhecimentos.

Falo-lhe com as próprias palavras do seu *guardanapo* que há tempos ensinava que «ser político é servir a pátria com desinterêsse»...

—Isso...

—Isso é a prova de que V. S. é um mau político porque não procura servir a pátria com desinterêsse, aquele desinterêsse recatado, modesto, sem reclamos nem palavras de lisonja, antes faz larga menção com espectaculosas frases de um serviço que não passa de uma insignificante ninharia...

—Isso foi o Carvalho...

—Seria, porque o elogio próprio é moléstia de que sofre há muito tempo. Ele também é um mau político que não faz nada sem ostentação, sem vir logo para a rua fazer o devido reclame à sua pessoa e aos seus serviços afim de ver se conquista o reconhecimento a que, no seu estouvado modo de ver, julga ter direito.

Estão bem juntos, não há dúvida.

V. S. e o Carvalho são bem dignos um do outro.

—Deu a hora. Podem retirar-se seus garotos e para a outra vez tenham mais juizinho, ouviram?

Zé Feles.

NÓS E O EVOLUCIONISMO

«Negrelos, 13 de Maio de 1913.

...Sr. Director do «Lusitano»

Ao terminar o meio ano do «Lusitano», mandei fazer pagamento e suspender o semanário que v... dirige.

Não se atendeu ao meu pedido de suspensão, e a folha continuou a ser-me remetida, e a seu tempo foi-me expedido recibo pelo correio, o qual paguei. Mas outra vez torno a ordenar a suspensão.

O seu jornal tem artigos que me não agradam e me obrigam a não querer, com a minha assinatura, cooperar com êle.

Não sou monárquico nem sou republicano: sou português simplesmente. O jornal vincula-se no republicano evolucionista, cuja cabeça é o sr. António José de Almeida. Ora da política, ainda no regímen democrático, o cabeça é tudo. E sendo assim, eu de modo algum posso esperar que o partido evolucionista seja útil ao país, visto que o seu chefe não tem alma;

não quer Deus nas escolas, aquele Deus, que, sem embargo do sr. António José de Almeida, está nas escolas e em toda a parte; afirma-se anti-religioso:

«e ensina que as religiões se vão adelgaçando na espessura de seus dogmas, se vão harmonizando nos seus preceitos rituais, ao ponto de servirem as instituições políticas, e, ao mesmo tempo, elas próprias apressarem a sua transformação em simples instituições de beneficência.

Etc. etc.

Isto, para mim, que há quarenta anos leio a história com não menos atenção que o sr. António José de Almeida, serve para convencer-me que a influência dêle servirá para muita coisa, mas não para trazer bem algum à minha querida pátria, a quem amo com tam vivo afecto que não autorizo lhe queira mais o chefe dos evolucionistas.

Suspenda-me pois a remessa do «Lusitano», e creia-me sempre

M.º at.º v.º

O assinante n.º...»

Permita-nos o nosso presado assinante que lhe digamos que se equivocou supondo o *Lusitano* vinculado no partido evolucionista.

Como Jesus Cristo disse aos seus algozes—o meu reino não é deste mundo—também nós podemos hoje afoitamente dizer—o nosso partido não é desta república.

Como o nosso assinante, nós não somos monárquicos nem republicanos.

Já o temos aqui dito e acentuamo-lo mais uma vez e quantas forem precisas.

Somos cidadãos portugueses e nesta qualidade qualquer regimen para nós é bom ou mau, segundo a felicidade ou infelicidade que traga ao país, e igualmente qualquer partido para nós é bom ou mau, conforme a utilidade ou prejuiso que possa acarretar-lhe.

E' verdade que a princípio nos pareceu que o sr. António José de Almeida, muito embora um ateu e livre-pensador, seria capaz de reconhecer os sentimentos da enorme maior parte da população portuguesa de respeitar e fazer respeitar as liberdades, os direitos, as tradições e as crenças do povo católico, respeito que lhe ouvimos apregoar e defender, e mais se radicou em nós essa opinião por vermos filiarem-se nêsse partido católicos de reconhecida intelectualidade.

Eis a razão porque aqui se disseram algumas palavras sôbre o chefe do evolucionismo, mas isto sem trairmos a nossa qualidade de imparciais em política.

Depois vimos o sr. António José de Almeida descer, sôbre varios assuntos políticos, de incoerência em incoerência, até se nivelar perante o nosso espírito com outros de que já formavamos mau conceito, e estacamos nas nossas considerações, como vimos muita gente, que estava disposta a entrar no evolucionismo, recuar e ficar onde estava.

Perdoe-nos o nosso assinante se lhe dissermos que se as nossas previsões saissem certas não teriamos de arrepender-nos de ter dito o que dissemos reconhecida, como é, a necessidade de os católicos encontrarem um homem que se ponha à sua frente, não como um escravo, mas como um defensor dos seus privilégios.

Católico militante? Ateu? Livre pensador?

Tanto importa desde que êsse homem fôsse lial e sincero, o que infelizmente parece não acontecer com o chefe do evolucionismo.

¿Que importaria aos católicos que o chefe de um partido que eles apoiassem fosse ateu ou livre pensador, se êle lhes mandasse abrir as igrejas e lhes concedesse a ampla liberdade que dantes gosavam, se, enfim, determinasse o *stato quo ante* para a Igreja e para os católicos, muito embora aquela fôsse separada do Estado?

Mas importaria, e muito, se êsse chefe, embora católico militante, fôsse um cobarde e um poltrão, um incoerente e um ambicioso que desprezasse os interêsses do povo católico para só cuidar das suas ambições pessoais, dos seus caprichos e dos seus devaneios políticos.

E isto tem, lamentavelmente, acontecido.

¿Enganamo-nos quanto ao sr. António José de Almeida?

¿Enganamos, reconhecemo-lo, mas reconheça-nos também o nosso assinante o desabafo de dizermos que já era tempo de os católicos sairem da concha de tartaruga em que se deixaram ficar, esquecidos dos seus deveres, e tratarem de montar as suas baterias eleitorais para poderem opor activo e renhidíssimo combate à demagogia nas eleições que, em um tempo mais ou menos próximo, hão de fazer-se indubitavelmente.

Tem-se feito isso?

Não, evidentemente.

Não se queira, pois, mal algum a quem se enganou imaginando que o chefe do evolucionismo realizaria essa aspiração.

Não se queira mal a quem manifestou, por qualquer forma, alguma simpatia pelo partido evolucionista, se quem assim procedeu o fêz de boa-fé julgando prestar um bom serviço à causa em que milita.

Foi enganado?

Sucede isso a muito boa gente.

Todos os que no *Lusitano* trabalhamos somos católicos e não nos envergonhamos de declarar as nossas crenças e de praticar os actos que elas de nós exijam.

E no entanto... quanto nos custa isto!... mas, no entanto, diziamos nós, ainda no domingo passado assistimos a uma empolgante manifestação de fé católica que nos enebriou... para no dia seguinte sofrermos uma cruciante desilusão ao vermos um dos indivíduos que públicamente mais se manifestam adeptos do catolicismo, repudiar um mandato que lhe havia sido solenemente confiado.

E' triste, mas é assim mesmo.

Em tudo há falhas.

Perdoe-nos o nosso apreciável assinante se em alguma coisa temos falhado e creia que sempre temos procurado acertar.

O que lhe garantimos é que somos católicos e assim continuaremos e que o *Lusitano* desfraldou a sua bandeira com o sagrado lêma **Deus e Pátria** e continuará empunhando-a sem recuar um ápice do caminho que traçou.

Excursão a Viana do Castelo

Promovida pela Associação de Classe dos Empregados de Comércio de Guimarães, no mês de Julho.

Tendo sido, geralmente, bem recebida a iniciativa da nossa associação de caixeiros de promover uma excursão recreativa a Viana do Castelo, a linda cidade minhota, resta que os vimaranenses, sem distinção de classes, visto que todos ali teem lugar, se preparem para o belo passeio, começando desde já a tomar os seus bilhetes.

Comos dissemos, as classes menos abastadas podem adquirir as suas passagens de duas vezes, visto que os bilhetes são divididos em duas senhas, não devendo deixar para o fim a sua adquisição.

*

Os bilhetes para esta excursão encontram-se à venda nas seguintes casas:

Chapelaria Martins—Passeio da Independência, 7 a 9; João Garcia—Praça D. Afonso Henriques

CASA HIGH-LIFE

93, RUA DA REPUBLICA, 97 (ANTIGA DA RAINHA) — GUIMARÃES

Abertura da estação de verão. As mais recentes novidades.

CHAPEUS DE SENHORA E CRIANÇA

As últimas criações Parisienses, compradas directamente a Paris:—a afirmá-lo temos o grande aumento da clientela que nos tem visitado de novo e tem efectuado as suas compras.

PREÇOS. Não nos repugna dizê-lo, são metade dos do Pôrto.

(Antigo Toural), 22 a 24; Barbearia Simão Costa—Rua 31 de Janeiro (Antiga rua de Santo António); Fernandes Guimarães & Irmão—Rua da República (Antiga rua da Rainha), 80; Mercearia de Francisco de Castro Guimarães —Rua de Paio Galvão, 86 e 88.

A Juventude Católica

Eleição

Tendo reunido no passado domingo a assembleia geral para se proceder à eleição dos corpos gerentes para o corrente ano foram eleitos os seguintes cavalheiros:

DIRECÇÃO

Presidente, dr. João Rocha dos Santos.
Vice-Presidente, dr. Fernando Gilberto Pereira.
1.º Secretário, Eugenio Vaz Vieira.
2.º Secretário, Luís Ribeiro de Faria.
Tesoureiro, Manuel Joaquim de Queiroz.
Vogais: Joaquim Marques e José Carneiro.

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente, Joaquim Moniz.
Vice-presidente, Manuel de Freitas.
1.º Secretário, António Ferreira de Melo Guimarães.
2.º Secretário, José da Silva Gonçalves.

CONSELHO FISCAL

Efectivos

José Vaz Vieira
José Machado
Henrique Gomes.

Substitutos

José Maria Leite
Adelino Joaquim Neves
António Candido de Sousa Carvalho.

Sócios subscritores

(Continuação)

D. Maria Gonçalves Ferreira
D. Tereza de Jesus Rodrigues
D. Josefina Leão Barbosa
D. Antónia Elvira Leão Barbosa
Luís Gonzaga Pereira
José Henrique Dias
José de Freitas Soares
D. Tereza da Costa Roriz
Luísa de Araujo Gomes Guimarães
Maria de Oliveira Roriz Gonçalves
Gaspar da Costa Roriz
D. Carolina Teixeira da Silva
D. Ana de Jesus Varandas
Joaquim Marques da Costa
Padre Francisco Saraiva
Francisco José Pereira Guimarães
D. Helena Rosa de Faria
Dr. Alfredo Peixoto
Manuel V. de Castro Brandão
D. Rosa Guilhermina do Carmo Dias
Manuel Gonçalves
Rodrigo José Leite Dias
D. Maria Mendes de Almeida
Joaquim de Oliveira Machado
D. Maria Carlinda de Oliveira
António Coelho da Mota Prego
Padre Manuel Ferreira Ramos
D. Josefa Carolina de Matos Chaves
Padre Paulo Gonçalves Ferreira
Padre António Teixeira de Carvalho

(Continúa).

Teatro Gil Vicente

CINEMATÓGRAFO

A Emprêsa Cinematográfica Vimaranense acaba de assinar contracto com a importante *Companhia Cinematográfica Portuguêsa* para a exibição das suas apreciáveis fitas naquele salão.

Incorporação de recrutas.

Realiza-se hoje, pelas 12 horas, no quartel de Infantaria 20, a festa militar da incorporação dos recrutas.

Agradecemos o convite que nos foi dirigido para assistir a êsse acto.

Atenção

Em um dos últimos números do «Jornal de Notícias», lê-se o seguinte:

Sport

Motocicletas INDIAN

A moto ideal

A convite do agente das afamadas motocicletas INDIAN, fomos examinar uma dessas soberbas máquinas, recentemente adquiridas.

A sua maravilhosa concepção macânica deixou-nos assombrados e satisfeitos por verificarmos o progresso e perfeição atingidas, e ainda não ultrapassadas, pela fábrica INDIAN, a maior produtora de motocicletas do mundo.

Efectivamente, o estudo aturado e permanente dos seus construtores, conseguiu eliminar totalmente todos os aborrecidos inconvenientes da motocicleta, as suas panes vulgares e constantes, que limitavam o seu emprêgo, exclusivamente como sport.

O modêlo que este ano lançaram ao mercado, satisfás amplamente, tanto o sportman, como aquêle que a usa como meio de transporte.

Por engenhosa e sólida disposição, foi-lhe eliminada por completo a trepidação, dando à marcha, mesmo em maus caminhos, a máxima suavidade.

Um dos seus caracteres essenciais é a sua fabricação automática. Uma bomba eficaz, movida pelo motor, distribue o óleo, pelo cárter, «caixa de válvulas» e cilindro da frente.

A lubrificação proporcional ao movimento do motor nunca o deixa aquecer, assim como lhe elimina o inconveniente de sujar o motociclista, como sucede em quási todas as motocicletas. O «changement de vitesse», o mais perfeito e sólido que temos visto, permite-lhe andar a passo, mesmo nas mais íngremes calçadas.

A sua «embrayage» é progressiva e suave.

Uma «mise-en-marche» sólida e bem construida, permite pôr o motor em andamento sem desmontar e sem colocar a máquina no descanço.

A transmissão é feita por corrente, modernamente usada pela maior parte dos construtores, e reputada a melhor.

Além do magneto blindado «Bosch», vâlvulas comandadas por um único «excêntrico», lubrificadores, quadro reforçado em toda a extensão etc., juntemos todos os «records» que tem alcançado em Inglaterra, um dêles durante 1 1/2 horas, com a média de 150 quilómetros à hora, e concordemos que é a mais perfeita motocicleta que tem vindo ao Pôrto.

Este nosso amigo espera brevemente uma remessa de 9 máquinas, a maior parte das quais já vendidas.

Unico representante, nesta cidade, destas afamadas Motos, Bicicletas Derby e Spring e seus acessórios.

Benjamim de Matos

com estabelecimento de fazendas ao TOURAL, 105.

Èditos de 30 dias

2.ª Publicação

Pelo juizo de direito da comarca de Guimarães e cartorio do escrivão abaixo assinado, correm editos de 30 dias, que se começarão a contar da última publicação do presente anúncio, citando os herdeiros da menor Tereza, filha de António Henriques e Emilia Rosa de Deus, os herdeiros do dito António Henriques e os da Manuel Luís Carreira e esposa D. Rosa Joaquina, cujos nomes se ignora, e cujas últimas moradas foram, as daquele na rua do Ourado do Fôrno e as dêste no Largo do Trovador, da cidade de Guimarães, e bem assim os herdeiros incertos de Francisco António Alves e esposa, cuja última morada foi na rua de Alcobaça, da dita cidade, e os interessados incertos, para falarem e assistirem a todos os termos duma acção ordinária que lhes move D. Emilia Faria da Silva Monteiro, doméstica, judicialmente separada, por si e como representante de seus três filhos menores Maria Augusta, Jerónimo e José, da rua do Almada, da cidade do Pôrto, na qual a A. alega que por êste juizo, escrivão Penafort, correu uma execução do M. P. contra José Francisco da Silva, sogro da A., por dívida de custas e selos, que na dita execução a A. deduziu preferências pela dívida de 702$500 réis que o executado lhe devia de alimentos, desde 1 de Julho de 1902 a 20 de Abril de 1910, daqueles seus três filhos, que estavam a cargo da A. sua mãe, com hipoteca legal sôbre os quatro prédios arrematados pela dita execução: que constava da certidão de registo da conservatória e que sôbre o prédio arrematado n.º 3797 pesava a dívida hipotecária de 548$705 réis a favor da menor Tereza, filha de António Henriques, então viuvo e morador na rua do Ourado do Fôrno, proveniente da sua legítima materna; e que sôbre o prédio arrematado n.º 6927 pesava a dívida hipotecária de 600$000 réis ao R. Francisco António Alves; que êsses dois registos eram anteriores ao da A., e porque não puderam ser citados pessoalmente aqueles dois credores foram graduados: a Tereza por 239$031 réis, e o Francisco António Alves por réis 147$657, e graduada depois de êles a A., pelo que só veiu a receber, por conta do seu crédito, 400$945 réis, faltando-lhe portanto 301$555 réis estando aquelas quantias em depósito e na dita execução; que, porêm, a Tereza faleceu ainda menor e pouco depois do registo, ficando herdeiro seu pai António Henriques; mas como êste passou a segundas núpcias foi herdeira do seu capital, que proviera da herança materna, sua irmã Germana Rosa Joaquina, casada com Manuel Luís Carreira, todos êstes também já falecidos; que Manuel Luís Carreira, ainda no estado de casado, recebera a herança de sua cunhada Tereza por transação com a massa falida de seu sogro, pelo que recebeu 350$000 réis em 30 de Julho de 1878, dando baixa no manifesto em 9 de Maio de 1879; que igualmente Francisco António Alves a 20 de Abril de 1876, deu baixa no seu manifesto, declarando ter recebido o seu dito capital de 600$000 réis;

Que assim os ditos dois credores, Tereza e Francisco António Alves, estavam há muito pagos dos seus créditos quando se instaurou o concurso de preferências na falada execução, sem que cancelassem os seus registos, aliás agora já cancelados pela sentença de preferências; que nestes termos a acção deve deve ser julgada procedente e provada, os credores Tereza e Francisco António Alves, julgados pagos, para das quantias destinadas a pagamento de parte de seus créditos e seus juros, ser paga à A. a quantia de 301$555 réis para preencher o seu crédito julgado de 702$500 réis, bem como as custas, selos e procuradoria, servindo a sentença transitada nesta ação de título suficiente para ser ordenado o levantamento.

As citações devem ser acusadas na segunda audiência posterior ao prazo dos éditos, e aí marcadas três audiências para os R. R. contestarem, querendo, sob pena de revelia.

As audiências no referido juizo fazem-se todas as segundas e quintas feiras de cada semana, não sendo feriado, sempre por dez horas, no tribunal delas, sito na rua do Gravador Molarinho, da cidade de Guimarães.

Guimarães, 7 de Maio de 1913.

O escrivão do 6.º ofício,
João Joaquim de Oliveira Bastos.

Verifiquei.
P. de Rezende.

CASA

Aluga-se, desde o S. Miguel em diante, a loja e 1.º andar da casa em que se acha instalado o Café da Martinha, ao largo da Oliveira.

Quem a pretender, pode falar com a sr.ª D. Laura Meireles, à rua da Caldeiroa.

Quinta

Vende-se uma, situada na freguesia de Gandarela, concelho de Guimarães, denominada—**Quinta de Vale de Mide.**

Trata-se na casa de Arnozela, em S. Martinho do Campo, concelho de Santo Tirso, ou no cartório do notário, Joaquim António Mesquita, em Negrelos.

Prefiram os deliciosos champanhes—AVIADOR—FLOR DE LIZ—ELITE SPORT—RENÉ LUDÉ—FRANÇAIS BATAILE—e, bem assim, o excelente VINHO BRANCO GAZOSO, de LUCIEN BEISECKER, Anadia.

UNICA REPRESENTANTE NO MINHO

CASA BARBOSA

RUA DA REPÚBLICA

Encontram-se tambêm nesta antiga e acreditada Casa todos os géneros de mercearia e confeitaria, garantindo-se a sua optima qualidade e procedência.

Instituto Médico-Dentário

RUA FORMOSA, 331

PORTO

Dr. Gonçalo de Moura e Lopes da Silva

Sucursal em GUIMARÃES

LARGO DA MISERICÓRDIA, 4

CONSULTAS POR

LOPES DA SILVA

cirurgião-dentista, com 22 anos de prática em Consultorios Dentarios da Europa e América
Ex-professor de Protese Dentária do Instituto Dentario de Madrid

A longa prática é garantia de boa execução de todos os trabalhos sendo garantidos os seus resultados

DENTADURAS COMPLETAS
(Trabalhos americanos)

Dentaduras sem chapa

Obturações a Ouro

Platina e Cimento

COROAS DE OURO DENTES A PIVOT

Limpeza dos dentes

Operações sem dôr

CONSULTAS todas as quartas-feiras, desde as 11 horas às 6 da tarde; e às quintas-feiras, desde as 9 ás 4 da tarde.

Colégio de Santa Maria

(PROPRIEDADE BRAZILEIRA)

GUIMARÃES

Abriu êste estabelecimento de educação e ensino no palacete da Madroa.

Tôdas as famílias que pretendam inscrever suas filhas, podem fazê-lo nos estabelecimentos de modas, ao Toural, dos ex.mos srs. Camilo Alves de Almeida e Oliveira e Silva, ou dirigir-se à Directora no edificio do Colégio.

Biblioteca da «Instrucção Religiosa»

O PROTESTANTISMO

OS SEUS HOMENS E OS SEUS ERROS

Utilissima obra de propaganda católica contra as falsas doutrinas de Lutero

Um volume com cerca de 100 páginas em edição de luxo . . 60 rs.

A mesma obra em edição popular . . . . . 30 rs.

Da edição popular, faz-se um desconto de 20 por cento em todos os pedidos de mais de 20 exemplares.

Os pedidos, acompanhados da respectiva importância e porte do correio, devem ser dirigidos ao editor

Padre António José de Carvalho

Rua de Santa Margarida, 9—Braga

ou à administração dos "Ecos do Minho", Rua dos Mártires da República — Braga

Manuel de Freitas

ALFAIATE

Participa aos seus amigos e fregueses que continua a dirigir o seu atelier de alfaiate no Toural.

Análises

de urinas, escarros, pus, sangue, vinhos, vinagres, azeites, queijo e manteiga, etc.

Laboratório de análises, junto á farmácia Dias Machado

GUIMARÃES

Venda de propriedade

Vende-se uma propriedade sita em Caneiros, junto à estrada, composta de três moradas de casas terreas e uma com um andar, todas servidas por um quintal com água de bica, ramadas, fruteiras e árvores de vinho.

Trata-se na rua 31 de Janeiro, n.º 27.

NINHARIAS

POR

José de Azevedo e Menezes

Refutação documentada dos êrros cometidos pelo sr. Anselmo Braamcamp Freire nos seus estudos publicados acêrca dos Farias, de Barcelos.

A' venda na Papelaria e Tabacaria Lemos, Rua da Rainha.

PREÇO 800 RS.

Interêsses no Brasil

O **Escritório de Direito Internacional, à rua do Hospício n.º 79—Rio de Janeiro**—, dirigido pelo dr. Carmo Braga, formado pela Universidade de Coimbra, com longa prática de advocacia em Portugal e no Brazil, advogado do Banco Aliança do Pôrto, da Beneficência Portuguêsa e da Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro, trata especialmente de todas as questões relativas a direitos e interêsses de portuguêses no Brasil, inventários, habilitações, partilhas, execução de testamentos, providências para evitar a arrecadação judicial de bens e heranças de ausentes, etc. Tambêm aceita procurações para administração de bens no Rio de Janeiro, cobrança de alugueis, rendas, juros dividendos, compra, venda e hipoteca de prédios, averbamento de papeis de crédito, transferências, etc.

Escritório Filial no Pôrto, dirigido pelo solicitador sr. João Fernandes Amaral,—rua da Fábrica, 78.

Para referências em Guimarães—com os srs. Fernandes & Cruz, e com os advogados drs. António do Amaral e João Rocha dos Santos.

FUNILEIRO

Manuel Ferreira da Costa

Faz e concerta toda e qualquer peça de obra pertencente à sua arte, tanto em fôlha, como zinco ou cobre.

Tambêm se fazem gazómetros para acetilene, pulverizadores, caixões de chumbo para funerais, banheiras de todos os tamanhos e feitios, encanações de agua ou gaz em tubo de chumbo ou galvanizado, assim como assentamento de retretes e suas pertenças. Tudo por prêços módicos.

Rua de Francisco Agra, 31, 33.
GUIMARÃES

COMPANHIA DE SEGUROS A POPULAR

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

FUNDADA EM 1902

Capital autorizado Rs. 500:000$000

Telefone n.º 2460 — Endereço telegráfico: LARPOPU

Rua dos Bacalhoeiros, 125, 2.º

LISBOA

Correspondentes em Guimarães — **PIMENTA & C.ª**

Com estabelecimento de fazendas brancas, miudezas, etc.

24, Rua de Paio Galvão, 28

ATENÇÃO!

Só na **Sapataria Académica** à Rua Dr. Avelino Germano, 36 (antiga Rua de S. Paio) é que se encontra o calçado mais bem acabado, e por preços que ninguêm ousa competir.

Garante-se a superior qualidade nos cabedais empregados nos calçados.

Trabalho, o mais perfeito, e preços muito mais económicos que em qualquer outra sapataria de Guimarães.

Uma encomenda pois, que será a prova mais cabal do quanto se afirma neste anúncio.

FOTOGRAFIA MODERNA

— Rua de S. Dâmaso, 10 —

GUIMARÃES

Nesta acreditada fotografia executam-se com a maior presteza e máxima nitidez, todos os trabalhos fotográficos pelos mais modernos processos como sejam:

Retratos platina, sais de prata, etc.

Ampliações em todos os tamanhos até ao natural de qualquer fotografia por mais pequena que seja.

Retratos em porcelana, madeira e seda.

Admiráveis retratos reclame, a 400 réis a meia dúzia.

Belas miniaturas para medalhas, a 250 réis a meia dúzia.

Postais fotográficos, a 900 réis a dúzia.

Ampliações inalteráveis de 50 centimetros, a 1$500 réis.

Esta fotografia possue um excelente material, o que há de mais aperfeiçoado, o que permite executar todo e qualquer trabalho e com a máxima perfeição, operando com todo o tempo.

Tomam-se encomendas fora do atelier sem aumento de preço.

Prefiram êste atelier a qualquer outro, pois é o único com quem ninguem pode competir em preços e perfeição.

Colégio Académico

Rua de S. Domingos, 19

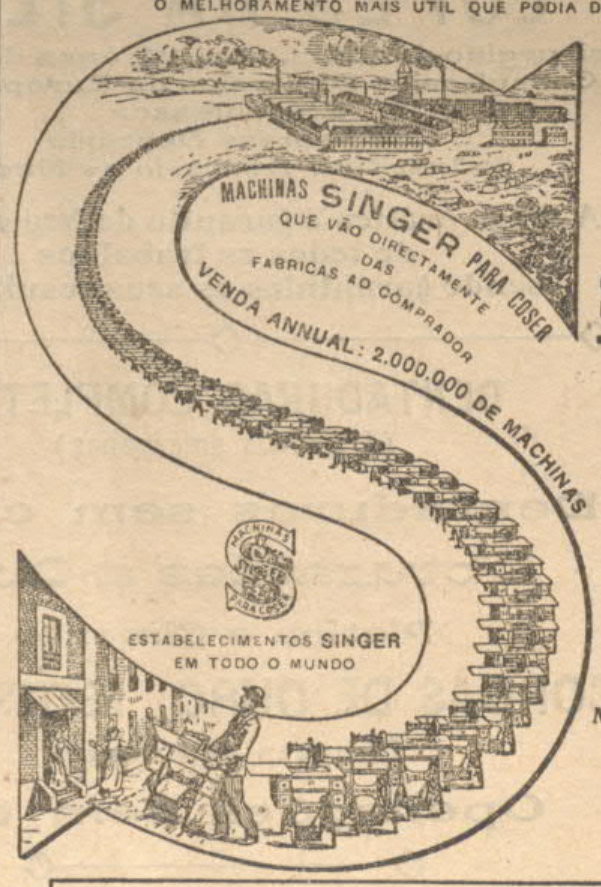
GUIMARÃES

Admite alunos internos, semi-internos e externos, para instrução primária, secundária e curso comercial prático. Alimentação abundante e bem cuidada. O resultado dos exames no presente ano lectivo foi de 50 APROVAÇÕES COM 3 DISTINÇÕES. Envia-se o programa a quem o pedir à direcção.

Os directores,

Alfredo Peixoto, médico
Luís Gonzaga Pereira.

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

Avenida Candido dos Reis — GUIMARÃES

O LUSITANO

Publicação semanal

PREÇO DA ASSINATURA
(Pagamento adeantado)

Portugal, Ultramar e Espanha		
Sem estampilha	Ano	1$200 rs.
	Semestre	600 „
Pelo correio	Ano	1$300 „
	Semestre	650 „
Trimestre		400 „
Estados U. do Brazil (ano)		1$800 „
Países da União Postal „		2$400 „
Número avulso		30 „

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES
(Pagamento adeantado)

Anúncios e comunicados, por linha	40 rs.
Repetições, por linha	20 „
Permanentes, contrato convencional.	
Reclamos, no corpo do jornal, até 5 linhas, cada um	100 „

Anunciam-se as publicações que o mereçam, mediante um exemplar gratis.

Anúncios, não judiciais, para os srs. assinantes, 25 % de abatimento.

P. LUÍS DIAS DA SILVA

SERMÃO DA IMACULADA CONCEIÇÃO

prégado na igreja matriz de Fafe, em 8 de Dezembro de 1912; acaba de ser editado num elegante opúsculo, precedido da narração do

interessante episódio

que determinou a sua publicação.

PREÇO, 60 RS.

Pelo correio 65 rs.

Pedidos à Tip Minerva Vimaranense
R. Paio Galvão—Guimarães

O LUSITANO

I Ano — Publicação semanal de Guimarães — Num. 49

Ex.mo Sr.